



**ENSAIO - ESSAY - ENSAYO****Aquilombamento como ferramenta de resistência e promoção de saúde da população negra**

Quilombament as a tool of resistance and health promotion for the black population

El quilombamiento como herramienta de resistencia y promoción de la salud de la población negra

Thaís Menezes Rimoli<sup>1</sup> , Ana Paula Menezes Bragança dos Santos<sup>2</sup> Laurenice de Jesus Alves Pires<sup>2</sup> , Ernani Costa Mendes<sup>2</sup> 

1 - Secretaria de Estado de Desenvolvimento Social de Goiás, Goiânia, Goiás, Brasil

2 - Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

**RESUMO**

Compreende-se o quilombamento aqui proposto como movimento histórico, político e cultural de resgate e valorização de saberes ancestrais que une narrativas, coletiviza dores e amores, constrói futuros e confronta a perpetuação do racismo estrutural. O racismo é considerado o principal determinante social em saúde para a população negra e se atualiza nas instituições de ensino e nas Redes de Atenção Psicossocial. Neste trabalho, buscou-se conhecer a relação entre saúde e práticas exclusivas de pessoas negras e a importância do quilombamento na promoção de saúde para esta população. Foi realizada uma pesquisa exploratória de abordagem qualitativa, por meio de pesquisa bibliográfica na Biblioteca Virtual em Saúde. Os artigos encontrados foram discutidos sob a ótica do quilombismo de Abdias Nascimento e a visão de Beatriz Nascimento acerca do que é um quilombo. Conclui-se que, além, do quilombamento já realizado pelas pessoas negras, enquanto modo de vida, faz-se necessário quilombar, também, os currículos escolares, bem como as epistemologias científicas, os espaços e as políticas de atendimento à saúde.

**Palavras-chave:** Aquilombamento; Resistência; Promoção de saúde; População Negra.**Histórico do Artigo**

Recebido	15 Março 2023
Aprovado	12 Junho 2023

**Correspondência**

Ana Paula M. Bragança dos Santos  
Departamento de Direitos Humanos,  
Saúde e Diversidade Cultural (DIHS)  
Escola Nacional de Saúde Pública  
Sérgio Arouca (Ensp)  
Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz)  
Av. Brasil, 4036, sala 905, Campus  
Maré, Mangueiras, CEP 21040-361  
Rio de Janeiro/RJ.  
E-mail: apmbsantos@gmail.com

**Como citar**

Rimoli TM, Santos APMB, Pires LJA, Mendes EC. Aquilombamento como ferramenta de resistência e promoção de saúde da população negra. Rev. Saúde Col. UEFS 2023; 13(2): e-9284.



## INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta reflexões sobre a importância do quilombamento da população negra brasileira como estratégia de sobrevivência, resistência cultural e promoção de saúde. Partindo de uma história colonial escravocrata, o Brasil foi fundado com base no trabalho escravo e, ainda hoje, tem se mantido às custas de estruturas racistas. O mito da democracia racial difundido em obras como *Casa Grande e Senzala*, de Freyre<sup>1</sup>, sugere que no Brasil, indígenas, negros e brancos vivem em condições de vida equivalentes, ignorando os efeitos do racismo, indelével herança colonial escravocrata. Os quilombos surgem a partir da fuga de pessoas escravizadas na heroica tentativa de sobrevivência frente ao sequestro e subjugo do Brasil Colônia. A abolição de 1880 não emancipou os africanos e seus descendentes e, em 2023, ainda discutimos os efeitos desse período histórico na saúde e subjetividade negras.

Segundo Kabengele Munanga<sup>2,58</sup>, o conceito de quilombo “palavra originária dos povos de língua bantu” é próprio dos negros africanos Bantus. Em Angola, em seu momento histórico de resistência, quilombo significava: acampamento de guerreiros na floresta. No Brasil de 1740, o Conselho Ultramarino considerava quilombo qualquer habitação onde houvesse cinco negros fugitivos. Para Beatriz Nascimento, a “África e o Quilombo são terras-mãe imaginadas”<sup>3,59</sup>.

Compreende-se aqui o quilombamento como movimento histórico, político e cultural que resgata e valoriza saberes ancestrais na resistência e sobrevivência diárias do povo negro, bem como na construção do futuro dessa população, em consonância com o pensamento de Nascimento<sup>4</sup>, no qual a unificação e agregação do povo negro já é em si um quilombo, cujo nome significa união. Aquilombamento, portanto, é compreendido como forma de unir narrativas, coletivizar dores, amores e confrontar a superioridade branca na qual o racismo se perpetua.

Inspirado em Beatriz Nascimento que amplia o conceito de quilombo, não só como território geográfico, mas como simbologia de um espaço de fortalecimento de sujeitos<sup>5</sup>:

Quilombo é uma história... Várias e várias e várias partes da minha história contam que eu tenho o direito ao espaço que ocupo na nação... A Terra é o meu quilombo. Meu espaço é meu quilombo. Onde eu estou, eu estou. Quando eu estou, eu sou<sup>5,59</sup>.

Mesmo com o fim da escravidão, o povo negro seguiu aquilombando-se, originando a ocupação dos morros e favelas. E, recentemente, ganham destaques os “quilombos urbanos”<sup>6</sup>. Cabe ressaltar que o povo negro sempre encontrou formas de se organizar para constituir comunidades, seja durante ou posteriormente ao período de escravidão; unidos, encontram modos de resistir em meio à sociedade branca.

Busca-se reforçar como o quilombamento tem possibilitado a (re)existência e resistência da população negra, no Brasil, ainda hoje, e compreender o quilombamento

não só como espaço de resistências, mas também como entrecruzamento de várias possibilidades e saberes, como as tecnologias de saúde que são passadas de gerações a gerações trazendo benefícios gerais para o grupo e sendo efetivas e seguras na promoção da saúde.

A experiência do quilombamento permite o resgate de um jeito coletivo e individual de ser, em um mundo em que o racismo negou a plena existência da pessoa negra enquanto sujeito. Assim, a garantia da saúde a si e à sua família como um direito humano universal e fundamental, que abrange o bem-estar físico, mental e social dos indivíduos ou grupos, ficou comprometido. Da mesma forma, a coexistência de paz, renda, habitação, educação, alimentação adequada, ambiente saudável, recursos sustentáveis, equidade e justiça social, como determinantes sociais essenciais para o alcance da universalidade, igualdade e equidade na saúde. Desta forma, para se promover saúde estão interrelacionados fatores sociais, econômicos, políticos e culturais, coletivos e individuais.

As políticas públicas possuem um papel importante na promoção de saúde dos membros de sua sociedade, ocupando-se em abranger estes diversos determinantes sociais de saúde visando o impacto positivo na qualidade de vida dos membros de sua sociedade de acordo com suas particularidades<sup>7</sup>.

Este trabalho tem como objetivo debater a importância do quilombamento para a promoção saúde da população negra. Valemo-nos da pesquisa exploratória de abordagem qualitativa por meio de pesquisa bibliográfica, para a construção de um debate teórico sobre Quilombismo a partir de Abdias Nascimento e Beatriz Nascimento.

O questionamento que norteou este estudo foi se o quilombamento promove saúde para as pessoas negras. O estudo está dividido em: referencial teórico, com destaque à Política Nacional de Saúde Integral da População Negra; metodologia, contendo a descrição da pesquisa na BVS; resultados e discussão; e considerações finais.

### Os impactos do racismo na saúde da população negra

Vive-se no Brasil o que Munanga<sup>8</sup> nomeou como “racismo à brasileira”, onde a miscigenação e mestiçagem compõem um fenômeno biológico carreador de uma missão política na construção da identidade nacional e das identidades particulares. Para o autor, a ideologia do branqueamento constitui a ideologia racial brasileira, na qual indivíduos alienados de sua natureza humana, como consequência do processo de escravização, perceberam no branqueamento físico e cultural o único caminho possível para sua humanização. A autoestima dessa população, por exemplo, contrapõe-se à valorização idealizada da população branca.

Entre pessoas brancas existe uma espécie de acordo tácito que lhes permite não se reconhecerem como agentes ativos na criação, permanência e perpetuação das desigualdades raciais brasileiras. Maria Aparecida Bento<sup>9</sup> nomeia este fenômeno de “pacto narcísico da branquitude”,

no qual as desigualdades entre negros e brancos é entendida, por estes últimos, como natural, nada tendo a ver com seus privilégios historicamente constituídos através do subjuço de povos racializados.

O debate racial com foco exclusivo na pessoa negra, não favorece a reflexão crítica e responsabilização dos privilégios sobre ser branco(a) que fomenta a ideia de “sujeito universal”, concedida à branquitude. Este debate é estrutural e não individual<sup>10</sup>. Serem os homens brancos, a maioria nos espaços de poder, não é uma condição natural, por exemplo, mas socialmente construída e mantida às custas de violências históricas e cotidianas de exploração e subjuço da população negra<sup>11</sup>. Essa realidade afeta a saúde mental da população negra.

Fanon<sup>12</sup> questiona a discussão da saúde mental de negros ser pensada predominantemente a partir do universo branco. O autor contesta até mesmo a aplicabilidade das conclusões freudianas acerca das visões de mundo do homem negro e supõe inadequada a psicopatologia branca aplicada a este público. Percebe que há uma atitude defensiva do negro no momento do seu ingresso em um universo predominante e propositalmente branco. Fanon denuncia que a saúde mental e, por conseguinte, a psicopatologia negra está condicionada ao olhar, padronização, diagnóstico e circunstâncias brancas.

Não é objetivo deste estudo, porém, abordar a problemática da violência contra a população negra, embora seja uma questão de saúde pública também, sabendo-se que quem mais sofre violência no Brasil é a população negra<sup>13</sup>.

A violência e as desigualdades raciais são importantes condutores de análise das desigualdades sociais no Brasil, pois atingem com maior incidência a população negra.

Desta forma, para garantir melhores condições de vida à população negra faz-se necessário pensar políticas públicas transversais efetivas que reparem os efeitos nocivos dos 388 anos de escravização legal no Brasil.

### **Política nacional de saúde integral da população negra**

Promover a saúde em sua integralidade, reduzir as desigualdades étnico-raciais, combater o racismo e garantir a equidade no atendimento público de saúde são objetivos da Política Nacional de Saúde Integral da População Negra (PNSIPN). Resultado da luta do movimento negro brasileiro, a política foi instituída, em 2009, pelo Ministério da Saúde, e destaca a importância de cruzar os indicadores de saúde com as características socioeconômicas a fim de evidenciar a relação entre saúde, seus determinantes sociais e a organização do sistema de saúde<sup>14</sup>.

De acordo com a PNSIPN<sup>14</sup>, pessoas negras têm menos acesso à saúde quando comparadas com pessoas brancas. São menores os números no acesso a consultas médicas e odontológicas, internações e medicamentos. A saúde da mulher negra também é comprometida, é menor o alcance desta parcela populacional a mamografias e consultas de pré-natal e maiores os índices de maternidade precoce, sífilis em gestantes e mortalidade materna.

A política ainda destaca que as causas de mortes se diferenciam de acordo com o grupo racial. Predomina entre pessoas brancas óbitos por doenças não transmissíveis, em indígenas, doenças transmissíveis e, em pessoas negras, a morte por causas externas.

Ao tratar sobre doenças transmissíveis como tuberculose e hanseníase, que são indicativos de pobreza, a PNSIPN mostra uma maior incidência entre as populações negra e indígena, assim como HIV/AIDS e hepatites virais, que têm a população negra entre a maioria dos infectados<sup>14</sup>.

O Pacto Pela Saúde<sup>15</sup>, conjunto de reformas institucionais do Sistema Único de Saúde (SUS), considera como causas determinantes e condicionantes de saúde: modos de vida, trabalho, habitação, ambiente, educação, lazer, cultura, acesso a bens e serviços essenciais, entre outros. Desta forma, reduzir as desigualdades sociais é um dos objetivos deste Pacto. A PNSIPN e o Ministério da Saúde consideram o racismo como o principal determinante social em saúde para população negra, uma vez que afeta negativamente sobre todos os elementos, supracitados, que compõem o conceito de saúde<sup>14</sup>.

### **Aquilombando-se**

Grada Kilomba<sup>16</sup> cunha o termo “trauma colonial de separação” causado pelo desmembramento cruel e violento do processo de escravização de seus antepassados, como uma condição de pessoas negras vivendo em diáspora. Na busca pela superação deste trauma, pessoas negras cotidianamente se assumem irmãs e se cumprimentam mesmo sem se conhecerem, reconhecendo uma ancestralidade comum. O que não é percebido, por exemplo, entre outros povos racializados.

A autora afirma que essas saudações são uma forma de recriar uma conexão que foi quebrada com o processo de escravização de povos africanos. E permitem que, mesmo em diáspora, as pessoas negras possam criar novos cenários que substituam as perdas e o isolamento racial colonial por sentimentos de pertencimento<sup>16</sup>.

O resgate cultural afrocentrado também fortalece e promove saúde, pois, na medida em que o indivíduo se reconhece como parte integrante de uma coletividade, pode perceber e aceitar a si mesmo, promovendo mudanças individuais e coletivas no processo de busca por mais saúde<sup>17</sup>.

É a partir do contato com outras pessoas que se faz possível conhecer as próprias necessidades e sentimentos e só então torna-se possível amar. Bell Hooks<sup>18</sup> destaca a importância de reconhecer o quanto pessoas negras têm tido sua capacidade de amar distorcida pela opressão e exploração no mundo capitalista pós-colonial, onde mesmo após a abolição da escravatura não havia liberdade para amar.

Ser negro, para Neusa Santos Souza<sup>19:77</sup> é um processo de compreensão de um sistema ideológico que aliena o sujeito de si mesmo. Para a autora, faz-se necessário construir uma nova consciência que garanta o respeito às diferenças e reafirme uma dignidade distante de qualquer nível de exploração.

“Assim, ser negro não é uma condição dada, a priori. É um vir a ser. Ser negro é tornar-se negro”.

Para Abdias Nascimento<sup>20;263</sup>, o Quilombismo é um modo de viver, relacionar, produzir, consumir baseado na cultura e visão de mundo do negro em consonância com Beatriz Nascimento: “Quilombo não significa escravo fugido. Quilombo quer dizer reunião fraterna e livre, solidariedade, convivência, comunhão existencial [...]”.

Em 2019, foi realizada a primeira estimativa de dados quilombolas produzidos pelo IBGE<sup>21</sup>, utilizando-se dados do Censo de 2010. Nesta, observou-se que existiam 5.972 localidades quilombolas no Brasil, divididas em 1.672 municípios. A confirmação destes dados aguarda os resultados do próximo Censo.

## METODOLOGIA

Foi realizada uma pesquisa exploratória de abordagem qualitativa por meio de pesquisa bibliográfica na plataforma Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), em março de 2022. Não se delimitou um marco temporal para a pesquisa com o intuito de alcançar o maior número possível de publicações. Utilizou-se as seguintes palavras-chave na pesquisa: aquilombamento; resistência; promoção de saúde; e população negra.

Inicialmente, a busca foi realizada a partir das quatro palavras-chave intercaladas pelo marcador booleano “AND” e nenhum resultado foi encontrado. Em seguida utilizou-se a palavra-chave “aquilombamento” com cada uma das demais. Com “aquilombamento AND resistência” e “aquilombamento AND promoção de saúde” foi encontrado um artigo, em cada busca. E “aquilombamento AND população negra” dois artigos.

Em seguida passou-se a pesquisar as palavras agrupadas três a três. Na busca por “aquilombamento AND promoção de saúde AND população negra” foi encontrado um artigo. Mas agrupando “aquilombamento AND resistência AND promoção de saúde”, assim como em: “aquilombamento AND resistência AND população negra” não houve nenhum documento como resultado.

Como o foco deste trabalho é o aquilombamento, o cruzamento entre as demais palavras-chave contribuiu para destacar a baixa produção científica sobre o cerne deste trabalho. Quando pesquisada sozinha, a palavra-chave aquilombamento foi encontrada em três artigos, os mesmos já encontrados nas buscas supracitadas. Consideraram-se aqui apenas os resultados encontrados em português.

O próximo passo foi a leitura dos resumos dos artigos encontrados para checar a correlação como tema proposto. Tendo sido estabelecida esta convergência procedeu-se com a leitura dos textos selecionados para que pudesse ser feita a análise destes estudos com o referencial teórico aqui proposto, a fim de confirmar a hipótese de que o aquilombamento pode ser e tem sido ferramenta de resistência e promoção de saúde à população negra.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram eleitos aqui os três artigos encontrados na plataforma BVS quando “aquilombamento” esteve presente isoladamente ou acompanhada das demais palavras-chave, para o desenvolvimento desta discussão. O Quadro 1 enuncia o título dos artigos, nome dos autores, ano de sua publicação e as bases de dados onde estão disponíveis. Além da baixa produção acerca do tema, destaca-se o quão recente são as publicações encontradas. Dois dos artigos são de 2020 e o terceiro, de 2019.

Lucas Veiga<sup>22</sup> parte do pressuposto de que o sofrimento psíquico é político e, por isso, carrega consigo o mundo que causa tal padecimento. O autor se vale de Achille Mbembe ao levantar a premissa de que é preciso decretar o fim do colonialismo e promover a descolonização radical proposta por Frantz Fanon. Para tanto, se faz necessário descolonizar também o inconsciente, local onde opera o sucesso da colonização. O autor ainda afirma que preconceitos como o racismo, machismo e LGBTIfobia são produtos da máquina colonial que dividem quem exerce e quem sofre as violências fundantes desse sistema.

**Quadro 1.** Relação de artigos encontrados nas buscas na plataforma BVS

Título do artigo	Nome do autor	Ano da publicação	Base de dados
Descolonizando a Psicologia: notas para uma Psicologia Preta	Lucas Motta Veiga	2019	SciELO
			Index Psicologia - Periódicos / LILACS
Pode um currículo aquilombar-se?	Eliana Povoas Pereira Estrela Brito; Amilton Santos; Michelle Matos	2020	SciELO
			Index Psicologia - Periódicos / LILACS
Nem crioulo doido nem nega maluca: por um aquilombamento da Reforma Psiquiátrica Brasileira	Emiliano de Camargo David; Maria Cristina Gonçalves Vicentin	2020	SciELO

Fonte: Elaborado pelos autores a partir da revisão da literatura.

Veiga<sup>22</sup> defende que o aquilombamento estabelecido na clínica, no atendimento de pacientes negros por psicólogos negros, é imprescindível na promoção de saúde mental da população negra. Assim como o foi, durante o período de escravização, onde as fugas e construções de quilombos asseguraram a sobrevivência através do senso de identidade e coletividade construídos nesses agrupamentos, resgatando cantos, danças e espiritualidade.

O autor destaca ainda, que a política do embranquecimento inculca o desejo e a necessidade de buscar aceitação e pertencimento através do embranquecimento de pessoas negras, ao compreender a posição de subalternidade em que a negritude é alocada. Indica o resgate da autoestima, a ressignificação da autoimagem através da proximidade orgulhosa de nossas origens negras, aliadas ao autocuidado como ferramentas para a luta coletiva e individual contra um mundo branco hegemônico que deseja e trabalha em prol do extermínio negro<sup>22</sup>.

Nessa perspectiva, Veiga<sup>22</sup> propõe o desenvolvimento de uma Psicologia Preta como forma de aquilombamento, promotora de saúde mental, enquanto dispositivo de preservação de identidade e cultura, assim como os quilombos de nossos ancestrais.

Em comunidades quilombolas atuais, as escolas recebem destacada importância de seus membros, uma vez que, nestes territórios, essas instituições estabelecem aquilombamentos em suas práticas, modos de organização e funcionamento. As escolas quilombolas resistem às pressões coloniais ainda vigentes e garantem a perpetuação das tradições e culturas ancestrais dessas comunidades. Entretanto, faz-se ainda necessário que os currículos escolares também se aquilombem política, geográfica, histórica e culturalmente como forma de resistência às imposições coloniais nas políticas curriculares<sup>23</sup>.

O impacto do aquilombamento e da resistência do povo negro é percebido em conquistas como a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira e africana na Educação Básica, garantido pela Lei nº 10.639<sup>24</sup>, que altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Tal êxito é fruto de pressões de movimentos sociais, sobretudo do Movimento Negro, na luta pela melhoria da educação, consequência da luta da população negra organizada politicamente. O Decreto nº 4.887/2003<sup>25</sup>, que regulamenta a identificação, delimitação, demarcação e titulação dos territórios quilombolas, é mais um marco da luta histórica pela garantia de direitos a essa população<sup>23</sup>.

Já na discussão entre racismo e manicomialização, David e Vicentin<sup>26</sup> propõem o paralelo entre o racismo científico brasileiro e a ideologia do branqueamento. Consideram como aquilombamento a implementação de práticas antirracistas e antimanicomiais na Rede de Atenção Psicossocial.

Os autores destacam o Manifesto de Bauru<sup>27</sup> e Carta de Bauru - 30 anos<sup>28</sup> como documentos frutos de ações de movimentos sociais, que correlacionam a luta antirracista com a pauta antimanicomial. Indicam a massiva institucionalização

de pessoas negras como ações eugenistas amparadas na ideologia do branqueamento. Sustentam a necessidade de uma perspectiva decolonial na Reforma Psiquiátrica Brasileira com vistas ao fortalecimento dos saberes e atuações em atenção à saúde mental. Consideram aquilombamento os movimentos ético-políticos antirracistas que podem promover equidade racial e a desinstitucionalização do racismo, considerado uma questão antimanicomial.

Pode-se inferir que as ideias de Djamila Ribeiro<sup>29</sup>, a partir de Lélia Gonzalez, façam coro à epistemologia negra proposta por Veiga<sup>22</sup>, ao currículo escolar aquilombado de Brito, Santos, Matos<sup>23</sup> e às propostas de práticas antirracistas e antimanicomiais de David e Vicentin<sup>26</sup>. A autora defende que enquanto a ciência se mover majoritariamente em direção à população branca, a questão racial seguirá tendo o enfoque estatístico negativo. Visto que aqueles que possuem o privilégio epistêmico, já possuem o privilégio social. O modelo eurocêntrico predominante na ciência, dita, em sua epistemologia branca, o que é conhecimento válido de uma forma hierarquizada e universal.

Tal perspectiva justifica a baixa produção científica acerca do tema aqui proposto, bem como temas relacionados à população negra e a efetivação de políticas públicas correlatas.

O Quilombismo de Nascimento<sup>20</sup> é a expressão da ciência negra, uma proposta teórico-científica fundida à prática histórica do povo negro, que vem sendo exterminado seja pela fome, pela miscigenação compulsória, pela sua assimilação aos padrões e ideais ocidentais e pelo racismo estrutural que demarca as relações sociais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No início desta pesquisa pensou-se que o aquilombamento aqui discutido versaria apenas sobre as práticas que se desenvolveram ao longo da história de resistência do povo negro como samba, jongo, congadas, umbanda, candomblé, irmandades, capoeira. Mas no decorrer do trabalho percebeu-se que a população negra se aquilomba como condição essencial para a sobrevivência, como um modo de ser e viver. Entender o aquilombamento como prática de saúde é compreender o contexto de negros em diáspora que precisaram se encontrar na ancestralidade comum e no olhar de seus iguais cotidianamente.

O aquilombamento do movimento negro permitiu que importantes leis fossem promulgadas, o que tem contribuído para a melhoria de vida da população brasileira, e, na perspectiva dos determinantes sociais da saúde, isso impacta na saúde. Assim, mais os desafios apresentados quando se tratou dos impactos do racismo na saúde da população negra, mostram que ainda são incipientes, em especial se as políticas não forem implementadas, se o racismo não for enfrentado de forma estrutural, se os saberes tradicionais não forem respeitados e incluídos na promoção da saúde. O aquilombamento pode ser eficaz como uma tecnologia de saúde.

Aquilombar dentro dos serviços de saúde é ter sua negritude considerada durante todo e qualquer atendimento.

Quando o subjugo escravista colonial se atualiza na contemporaneidade é preciso que cada pessoa negra se compreenda como um quilombo e encontre em si e nos seus pares, espaços seguros onde possa existir.

A epistemologia branca e seus epistemicídios, marcas intrínsecas da cultura e história ocidental colonial, se ocupam em tratar as questões raciais como recortes de sujeitos em terceira pessoa. A História do povo negro brasileiro tem sido contada a partir da ótica dos colonizadores e daqueles que usufruem, até hoje, das benesses de suas peles alvas, o que aloca o povo negro enquanto um “outro”, reforçando e mantendo o racismo estrutural. Faz-se necessário que a proposta de aquilombamento alcance as cátedras e liberte também o saber acadêmico do mito da neutralidade científica, permitindo à população negra proferir esse saber em primeira pessoa.

Os saberes que têm alcançado as populações às margens dos espaços de saúde e poder, estão, por exemplo, nos terreiros de religiões de matriz africana, fontes perenes de cuidados e de promoção de saúde física, mental e espiritual. Saberes historicamente desacreditados, mas efetivos na manutenção e promoção de saúde. Faz-se necessário que os currículos escolares, universidades e atendimentos em saúde e assistência se abram às ciências ancestrais do povo negro.

É imprescindível que as políticas públicas se movam em direção à reparação de 388 de escravidão legal a que a população negra foi submetida. Sendo a maioria numérica, no Brasil, é inadmissível que essa população seja mantida às margens da vida moderna. Ações afirmativas nas universidades públicas gratuitas e garantia de direitos básicos, constitucionalmente previstos em igualdade a todas e todos, assim como, políticas públicas que considerem as especificidades do povo negro no atendimento integral a saúde, educação, lazer, habitação e cultura são pautas básicas na busca pelo bem viver.

Em contraposição à perspectiva do Conselho Ultramarino do século XVIII, que considerava quilombo como as habitações onde houvesse cinco pessoas que fugiam da escravização, aqui alia-se a Beatriz Nascimento, que carrega em si seu quilombo. Aquilombados em si mesmos, cientes de sua negritude, fortalecidos nos encontros e reconhecimento entre os seus pares, preenchidos de sua ancestralidade resistente, resiliente e revolucionária. Considera-se aqui como aquilombamento toda forma de luta e resistência, onde a negritude se constitui arma, ferramenta e amuleto contra o racismo estrutural.

## REFERÊNCIAS

1. Freyre G. Casa-grande & senzala. 42. ed. Rio de Janeiro: Record; 2001.
2. Munanga K. Origem e histórico do Quilombo na África. In: Rev USP 1996; 28, São Paulo.
3. Ratts A. Eu sou Atlântica. Sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. São Paulo: Imprensa Oficial; 2006.
4. Nascimento MB. Historiografia do Quilombo. 1977. In: Nascimento MBB. Quilombola e intelectual: possibilidades nos dias da destruição. São Paulo: Editora Filhos da África; 2018.
5. Nascimento B. Beatriz Nascimento – Ori. Jornal do MNU, Nº 17, set/out, p. 6, 1989.
6. Batista PC. O quilombismo em espaços urbanos – 130 anos após a abolição. Extraprensa 2019; 12(esp.): 397-416.
7. Buss PM. O conceito de promoção da saúde e os determinantes sociais [Internet]. [acesso em 7 fev 2022]. Disponível em: <https://agencia.fiocruz.br/o-conceito-de-promo%C3%A7%C3%A3o-da-sa%C3%BAde-e-os-determinantes-sociais>.
8. Munanga K. Psicologia Social do Racismo. Estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. Petrópolis: Vozes; 2002.
9. Bento MAS. Branqueamento e branquitude no Brasil. In: Carone I, Bento MAS (Orgs.). Psicologia Social do Racismo. Petrópolis: Vozes; 2002. p. 25-27
10. Almeida S. Racismo estrutural. São Paulo: Pólen; 2019.
11. Ribeiro D. Pequeno Manual Antirracista. 1ª. Ed. São Paulo: Companhia das Letras; 2019.
12. Fanon F. Pele negra, máscaras brancas. Salvador: EDUFBA; 2008.
13. Ramos S. et al. Pele alvo: a cor que a polícia apaga [Internet]. Rio de Janeiro: CESeC, 2022. [acesso em 15 jan 2023]. Disponível em: <http://observatorioseguranca.com.br/produtos/relatorios/>.
14. Ministério da Saúde (BR). Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa e ao Controle Social. Política Nacional de Saúde Integral da População Negra: uma política para o SUS. Brasília: Editora do Ministério da Saúde; 2017.
15. Ministério da Saúde (BR). Secretaria Executiva. Departamento de Apoio à Descentralização. Coordenação-Geral de Apoio à Gestão Descentralizada. Diretrizes operacionais dos Pactos pela Vida, em Defesa do SUS e de Gestão. Brasília: MS; 2006.
16. Kilomba G. Memórias da Plantação. Episódios de Racismo Cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó; 2019.
17. Medeiros RP. O self e a cultura na preservação da Saúde. In: Aurilene Ley; Joia Lacerda; Rejane P. Medeiros. (Org.). As múltiplas faces da Análise Bioenergética. Recife: Libertas Editora, 2008. p. 61-80.

18. Hooks B. Vivendo de amor. In: Werneck J, Mendonça M, White EC. (org.) O livro de Saúde das Mulheres Negras. Nossos Passos Vêm de Longe. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: Pallas; Criola; 2006.
19. Souza NS. Tornar-se negro ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. 2ª ed. Rio de Janeiro: Graal; 1983.
20. Nascimento A. O Quilombismo. Petrópolis: Vozes; 1980.
21. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Base de Informações Geográficas e Estatísticas sobre os indígenas e quilombolas para enfrentamento à Covid-19. Notas Técnicas. Volume especial [Internet]. Rio de Janeiro: IBGE; 2020. [acesso em 22 mai 2022]. Disponível em: [https://geoftp.ibge.gov.br/organizacao\\_do\\_territorio/tipologias\\_do\\_territorio/base\\_de\\_informacoes\\_sobre\\_os\\_povos\\_indigenas\\_e\\_quilombolas/indigenas\\_e\\_quilombolas\\_2019/Notas\\_Tecnicas\\_Base\\_indigenas\\_e\\_quilombolas\\_20200520.pdf](https://geoftp.ibge.gov.br/organizacao_do_territorio/tipologias_do_territorio/base_de_informacoes_sobre_os_povos_indigenas_e_quilombolas/indigenas_e_quilombolas_2019/Notas_Tecnicas_Base_indigenas_e_quilombolas_20200520.pdf).
22. Veiga LM. Descolonizando a psicologia: notas para uma Psicologia Preta. *Fractal, Rev. Psicol.* 2019; 31(esp.):244-248.
23. Brito EPPE, Santos A, Matos M. Pode um currículo quilombiar-se? *Cad. Pesqui.* 50(176):429-443.
24. Brasil. Lei n. 10.639 de 09 de janeiro de 2003. Altera a Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira” e dá outras providências. *Diário Oficial da União* 2003; 9 jan.
25. Brasil. Decreto n. 4.887, de 20 de novembro de 2003. Regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias. *Diário Oficial da União* 2003; 20 nov.
26. David EC., Vicentin MCG. Nem crioulo doido nem nega maluca: por um aquilombamento na reforma psiquiátrica brasileira. *Saúde Debate* 2020; 44(30):264-277.
27. Bauru. Manifesto de Bauru. In: II Congresso Nacional de Trabalhadores em Saúde Mental: por uma sociedade sem manicômios. Bauru 1987. [acesso em 5 mai 2022]. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2017/05/manifesto-de-bauru.pdf>
28. Bauru. Carta de Bauru – 30 anos. In: Encontro de Bauru: 30 anos por uma sociedade sem manicômios. Bauru 2017. [acesso em 5 mai 2022]. Disponível em: <http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2017/12/CARTA-DE-BAURU-30-ANOS.pdf>
29. Ribeiro D. Lugar de fala. Minas Gerais: Letramento; 2017.

## ABSTRACT

The quilombment proposed here is understood as a historical, political and cultural movement to rescue and value ancestral knowledge that unites narratives, collectivizes pain and loves, builds futures and confronts the perpetuation of structural racism. Racism is considered the main social determinant in health for the black population; it is updated in educational institutions and in Psychosocial Care Networks. In this work, we sought to know the relationship between health and practices that are exclusive to black people and the importance of “quilombola” in promoting health for this population. Exploratory research with a qualitative approach was carried out, through bibliographic research in the Virtual Health Library. The articles found were discussed from the perspective of the Quilombism of Abdias Nascimento and the vision of Beatriz Nascimento about what a quilombo is. It is concluded that, in addition to the quilting already carried out by black people, as a way of life, it is also necessary to quilt school curricula, as well as scientific epistemologies, spaces and health care policies.

**Keywords:** Quilombment; Resistance; Health promotion; Black population.

## RESUMEN

El quilombamiento aquí propuesto se entiende como un movimiento histórico, político y cultural para rescatar y valorar conocimientos ancestrales que unen narrativas, colectivizan el dolor y el amor, construyen futuros y enfrentan la perpetuación del racismo estructural. El racismo es considerado el principal determinante social de la salud de la población negra y se actualiza en las instituciones educativas y Redes de Atención Psicosocial. En este trabajo, buscamos comprender la relación entre salud y prácticas exclusivas de los negros y la importancia del quilombamento en la promoción de la salud de esta población. Se realizó una investigación exploratoria con enfoque cualitativo, a través de una búsqueda bibliográfica en la Biblioteca Virtual en Salud, los artículos encontrados fueron discutidos desde la perspectiva del quilombismo de Abdías Nascimento y la visión de Beatriz Nascimento sobre lo que es un quilombo. Se concluye que, además del daño ya realizado por las personas negras, como forma de vida, también es necesario dañar los currículos escolares, así como las epistemologías científicas, los espacios y las políticas de atención a la salud.

**Palabras clave:** Quilombamiento; Resistencia; Promoción de la salud; Población Negra.